



DISCURSOS SOBRE LÍNGUA, TECNOLOGIAS E EFEITOS DE MEMÓRIA NO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

José Simão da Silva Sobrinho (UFU)

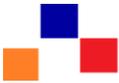
RESUMO: A prática discursiva da museografia expositiva vem mudando. É cada vez mais comum a utilização de recursos de tecnologia interativa na produção dos objetos museais. Além disso, aumenta o número de museus virtuais. Essas mudanças, que operam deslocamentos nos conceitos de memória, documento e acervo, estão articuladas ao fortalecimento da noção de educação patrimonial na museologia e nas políticas públicas, sem o abandono das funções tradicionais de conservação e preservação. Neste trabalho, tomando o Museu da Língua Portuguesa como material de análise, buscamos compreender aspectos dessas mudanças. Mais especificamente, refletimos, na perspectiva da Análise de Discurso, sobre como os recursos de tecnologia interativa trabalham a memória discursiva nesse museu e que concepção de educação patrimonial se inscreve nesse funcionamento.

PALAVRAS-CHAVE: História das Ideias Linguísticas, Análise de Discurso, Tecnologia, Museu da Língua Portuguesa

DISCOURSES ABOUT LANGUAGE, TECHNOLOGIES AND MEMORY EFFECTS IN THE MUSEUM OF PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT: The discursive practice of the expositive museography has been changing. Each time is more common to use resources of interactive technology in the production of museal objects. Besides, the number of virtual museums has been increasing. These changes, that operate a shift in the concepts of memory, documents and collection, are interfaced with the strengthening of the notion of heritage education in the museology and in the public policies, without abandoning the traditional functions of conservation and preservation. In this paper, we analyzed the Museum of Portuguese Language; we try to understand some aspects in these changes. More specifically, we reflect, in the perspective of Discourse Analysis, about how the resources of interactive technology deal with the discursive memory in this museum and in what conception of heritage education is it inscribed.

KEYWORDS: History of Linguistic Ideas, Discourse Analysis, Technology, Museum of Portuguese Language



*Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
ao ponto de ninguém e de nuvem.
Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta.
Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las
pro chão, corrompê-las
até que padeçam de mim e me sujem de branco.
Sonho exercer com elas o ofício de criado:
usá-las como quem usa brincos.
(Manoel de Barros)*

Introdução

Na reflexão que produzimos sobre o Museu da Língua Portuguesa (SILVA SOBRINHO, 2008, 2009, 2011, 2013, 2014)¹, temos compreendido a musealização como política de memória que, por meio de diferentes formas de linguagem e recursos tecnológicos, instaura modos de ser-estar-fazer. Em outros termos, considerando que os “modos singulares, atos e processos do viver nunca são simplesmente *fatos*, mas sempre e primeiramente *possibilidade* de vida, sempre e primeiramente potência” (AGAMBEN, 2015, p. 14, grifos do autor), compreendemos que a musealização, como política de memória que funciona pelo dever de lembrança e pelo esquecimento, contribui para a produção de possibilidades de vida.

Essa compreensão da musealização produz deslocamento na concepção de política de memória vinculada à ideologia da patrimonialização como preservação, como conservação, ideologia que produz o esquecimento de que o passado é uma construção, existe como interpretação. O passado, pensado discursivamente, é efeito da relação imaginária, logo, ideológica, com o presente, com as condições materiais do presente. A musealização não se reduz, assim, a um conjunto de procedimentos com vistas à preservação de

¹ Quando iniciamos nossa reflexão sobre o Museu da Língua Portuguesa, em 2006, ano de inauguração dessa instituição, não havia bibliografia disponível, nos campos da Análise de Discurso ou da História das Ideias Linguísticas, para, num trabalho da interpretação sobre a interpretação, construirmos nossa prática analítica. Hoje, o pesquisador interessado tem à sua disposição um número razoável de boas referências. Destacamos, dentre outros, os trabalhos de Romão (2011) e Cervo (2012). Em 2013, o número 46, vol. 23 da revista Letras (UFMS), organizado por Amanda Scherer e Lucília Maria Sousa Romão, reuniu diversos trabalhos sobre o Museu da Língua Portuguesa.



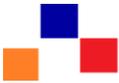
um passado imaginário, a musealização produz memória, produz sentidos que funcionam na administração do presente pelo modo como instauram (im)possíveis para os sujeitos em suas práticas. A musealização é, assim, uma biopolítica.

Funciona, portanto, uma “vontade de verdade” (FOUCAULT, [1970] 1996) na narrativa produzida pelo discurso museográfico, todavia os sentidos escapam pelo equívoco e pela contradição, efeitos da relação da língua com a história, entendida como rede de sentidos. No caso do Museu da Língua Portuguesa, o equívoco e a contradição são produzidos, principalmente, pelo funcionamento concomitante das ideologias da colonização e da descolonização, com dominância da primeira. Essas filiações ideológicas, dentre outras, constituem a materialidade dos objetos museais no Museu da Língua Portuguesa.

Por essa via teórica, buscamos desnaturalizar os sentidos, fazendo funcionar o conceito de ideologia como prática significativa inscrita nas lutas de classes, prática que “aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2007, p. 48). Nessa perspectiva de trabalho, o objeto museal resulta de uma dada política de memória inscrita nas relações de força, nas lutas pela hegemonia dos sentidos que constituem a formação social. Desse modo, a musealidade é efeito e função do político. É um trabalho da interpretação.

Neste artigo, avançamos nessa reflexão analisando, com as lentes desenvolvidas pela História das Ideias Linguísticas, articulada com a Análise de Discurso, o modo como o Museu da Língua Portuguesa emprega recursos de tecnologia interativa na composição de seu acervo. Esse museu possui dois tipos de exposição: a permanente e a temporária². Analisamos os efeitos de

² Até o momento, o Museu da Língua Portuguesa realizou vinte e quatro exposições temporárias: Grande Sertão: Veredas (20/03/2006 a 28/02/2007); Clarice Lispector (24/04/2007 a 02/09/2007); Gilberto Freyre intérprete do Brasil (27/11/2007 a 04/05/2008); Machado de Assis (15/07/2008 a 01/03/2009); Palavras sem fronteiras – mídias convergentes (06/04/2009 a 26/07/2009); O Francês no Brasil em todos os sentidos (11/05/2009 a 08/11/2009); Cora Coralina visita o Museu da Língua Portuguesa (29/09/2009 a 28/2/2010); OMISTÉRIOOTEMPOEMPOESIAS (07/10/2009 a 28/02/2010); Menas, o certo do errado, o



sentidos desse tipo de tecnologização no funcionamento discursivo da exposição permanente, entendendo por funcionamento a atividade estruturante do discurso a partir das formações imaginárias que constituem as diferentes posições discursivas em jogo numa prática linguageira (ORLANDI, [1981] 1996).

1. Interatividade, paráfrase, polissemia

A presença das novas tecnologias da informação e da comunicação, interativas ou não, na construção de acervos, como ocorre no Museu da Língua Portuguesa, é uma tendência da museografia nas últimas décadas. Discursivamente, consideramos o funcionamento e não a função dessas tecnologias, entendendo que elas não são nem autônomas e nem neutras, seu funcionamento é conformado pelas formações discursivas e ideológicas nas quais se inscrevem o discurso museográfico. Esse deslocamento da função para o funcionamento nos afasta da abordagem operacional e instrumental que reduz o discurso a conteúdo e o sujeito a usuário, desconsiderando que as tecnologias são constitutivas dos sujeitos e dos sentidos, dos modos de produção, da formação social. Como formula Marcuse,

O a priori tecnológico é um a priori político na medida em que a transformação da natureza envolve aquela do homem, e na medida em que as “criações do homem” são resultado e se reinserem no conjunto social. Pode-se ainda insistir que a maquinaria do universo tecnológico é “como tal” indiferente em relação aos fins políticos – ele pode revolucionar ou retardar a sociedade. Um computador eletrônico pode servir

errado do certo (15/03/2010 a 27/06/2010); Fernando Pessoa, plural como o universo (24/08/2010 a 20/02/2011); Oswald de Andrade: o culpado de tudo (27/09/2011 a 26/02/2012); Esta sala é uma piada – Salão Internacional de Humor de Piracicaba (17/12/2011 a 11/03/2012); Jorge Amado e o universal: um olhar inusitado sobre o homem e a obra (17/04/2012 a 22/07/2012); Rubem Braga, o fazendeiro do ar (25/06/2013 a 01/09/2013); CAZUZA mostra sua cara (22/10/2013 a 23/02/2014); Esta sala é uma piada (17/12/2013 a 23/03/2014); Alemanha de A a Z (31/03/2014 a 01/06/2014); Narrativas poéticas (25/03/2014 a 10/08/2014); Futebol na ponta da língua (10/06/2014 a 07/09/2014); Exposição Internacional de Cartazes AGI (21/08/2014 a 26/10/2014); Agustina Bessa-Luis, vida e obra (16/12/2014 a 29/03/2015); Esta sala é uma piada (20/12/2014 a 12/04/2015). No momento, estão abertas as exposições Poesia Agora e Caixa de Letras.

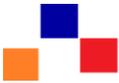


igualmente a uma administração capitalista ou socialista; um acelerador de partículas pode ser uma ferramenta igualmente eficiente para um partido da guerra ou um partido da paz. Essa neutralidade é contestada na afirmação controversa de Marx de que o “moinho manual nos dá uma sociedade com o senhor feudal; o moinho a vapor, a sociedade com o capitalista industrial”. E essa afirmação é modificada posteriormente na própria teoria marxiana: o modo social de produção, não a técnica, é o fator histórico básico. Contudo, quando a técnica se torna a forma universal da produção material, ela circunscreve uma cultura inteira; ela projeta uma totalidade histórica – um “mundo”. (MARCUSE [1964] 2015, p. 161).

As tecnologias, desse modo, não se reduzem a produtos ou equipamentos; em seu funcionamento, elas são constitutivas da “forma universal da produção material” no desenvolvimento recente do capitalismo, produzindo efeitos na intensificação do trabalho, na acumulação e no consumo, na espetacularização da sociedade, no funcionamento das instituições, nas formas de subjetividade.

É com essa compreensão materialista das tecnologias que refletimos sobre a interatividade no Museu da Língua Portuguesa. Nessa instituição, as tecnologias, como linguagens que funcionam na relação com a história, ou melhor, com as formações discursivas e ideológicas que constituem a história como rede de sentidos, (re)produzem um dado discurso sobre a(s) língua(s), engendrando, com isso, formas de subjetividade na relação do sujeito com a língua do Estado brasileiro.

Se considerarmos que há sempre uma injunção à interpretação (ORLANDI, 2001), e que essa injunção independe da forma da linguagem no processo discursivo, a noção de interatividade perde força heurística. Contudo, para diferenciar diferentes funcionamentos das tecnologias, manteremos a noção de tecnologias interativas, numa alusão às tecnologias que produzem demandas sobre o corpo do sujeito em face de um conjunto de possibilidades. No caso das tecnologias digitais, trata-se de um *software* contendo um conjunto de instruções que permitem ao sujeito fazer coisas num universo de possibilidades. Essas instruções são efeito da inscrição do



sujeito desenvolvedor da tecnologia em determinadas formações discursivas e ideológicas.

Na produção das instruções, a depender das posições discursivas em causa, haverá uma tendência à paráfrase (repetição do mesmo) ou à polissemia (produção do diferente), os dois processos básicos de funcionamento da linguagem (ORLANDI, 2007). Na exposição permanente do Museu da Língua Portuguesa, três artefatos possuem esse funcionamento que estamos denominando como tecnologia interativa: Palavras Cruzadas, Mapa dos Falares, Beco das Palavras.

No artefato Palavras Cruzadas, com um toque numa tela *touch screen* ligada a uma *Central Processing Unit* (CPU) que processa as instruções, o sujeito pode selecionar informações sobre o léxico de línguas ameríndias, africanas e europeias que teriam influenciado a língua portuguesa. O sujeito tem acesso regulado a um repertório de palavras que teriam sido emprestadas ao português.

Do mesmo modo que o sujeito que se constitui no processo discursivo de desenvolvimento de uma dada tecnologia é efeito da interpelação ideológica, ou seja, se constitui na linguagem, pelos sentidos, o sujeito que seleciona, que acessa, a partir das instruções, é, também, um efeito. Não se trata, portanto, do indivíduo bio-psico-fisiológico, mas do sujeito que se constitui como um efeito no e pelo gesto de selecionar, de acessar, gesto conformado pelas formações discursivas e ideológicas em funcionamento.

Há, no artefato Palavras Cruzadas, a interpelação do indivíduo em sujeito pelo idealismo romântico que fundou o pensamento político moderno e que articulou povo e língua, considerando ambos como realidades insulares. Como analisa Agamben,

A ideologia romântica, que operou conscientemente essa articulação e, desse modo, influenciou amplamente tanto a linguística moderna como a teoria política ainda dominante, procurou esclarecer algo obscuro (o conceito de povo) com algo ainda mais obscuro (o conceito de língua). Através da correspondência biunívoca que assim se institui, duas entidades culturais contingentes de contornos indefinidos se



transformam em organismos quase naturais, dotados de características e de leis próprias e necessárias. (AGAMBEN, 2015, p. 65).

Esse imaginário da unidade, da completude, da identidade de línguas e povos pode ser apreendido no próprio modo como as instalações nas quais estão as telas das Palavras Cruzadas são denominadas: totems. O totem é uma marca, um emblema, um símbolo que identifica uma família, clã, povo. Por um deslizamento de sentidos, as línguas identificadas pelos totems são significadas como realidades discretas, de contornos claros, bem definidos. Nessa direção de sentidos, as relações entre línguas são tratadas, na discursividade do museu, como influências sem efeitos de mudança do idioma.



Figura 1: Palavras Cruzadas - Museu da Língua Portuguesa
Fonte: foto do autor

No artefato Mapa dos Falares, o sujeito seleciona um Estado brasileiro e, com um toque na tela, abre um vídeo que mostra pessoas falando numa língua

que, conforme a discursividade do museu, identifica o Estado. A perspectiva aqui é a dos estudos dialetológicos, da sociolinguística e da geografia linguística. Tratamos como perspectiva porque o que o Museu da Língua Portuguesa faz é produzir uma vulgata do conhecimento produzido por diferentes campos da Linguística.

Nessa vulgata, o discurso museográfico produz apagamentos na diversidade linguística dos Estados brasileiros. O artefato se inscreve no processo discursivo que aborda a diversidade sem, contudo, abandonar o imaginário da unidade da língua portuguesa (as diferenças são significadas como regionalismos) e o imaginário nacional de que no Brasil só se fala uma língua. Faz isso denominando a diversidade como “falares” e não como língua.



Figura 2: Mapa dos Falares - Museu da Língua Portuguesa
Fonte: foto do autor



O Beco das Palavras é um artefato no qual o sujeito junta radicais, prefixos e sufixos para formar palavras da língua portuguesa. Um *software* projeta os morfemas sobre mesas cenográficas e sensores possibilitam que os sujeitos os toque e arraste virtualmente. Quando o sujeito forma uma palavra, aparece na mesa um desenho e o significado etimológico. Há uma interpelação do indivíduo em sujeito pelo discurso etimológico e lexicográfico, não lhe sendo possível formar qualquer palavra, mesmo que esta seja possível no sistema da língua. Só consegue formar as palavras que estão no banco de dados.

Pelo discurso etimológico, o sujeito se constitui pelo imaginário de que existe um sentido primeiro, original, autêntico, e de que esse sentido está contido na palavra. Esse imaginário linguístico funciona pelo esquecimento da materialidade do sentido, ou seja, pelo esquecimento de que o sentido não está nas palavras, expressões, frases. O sentido se produz na relação da língua com a história, depende, portanto, das formações discursivas e ideológicas nas quais se inscrevem (PÊCHEUX, [1975] 1997).

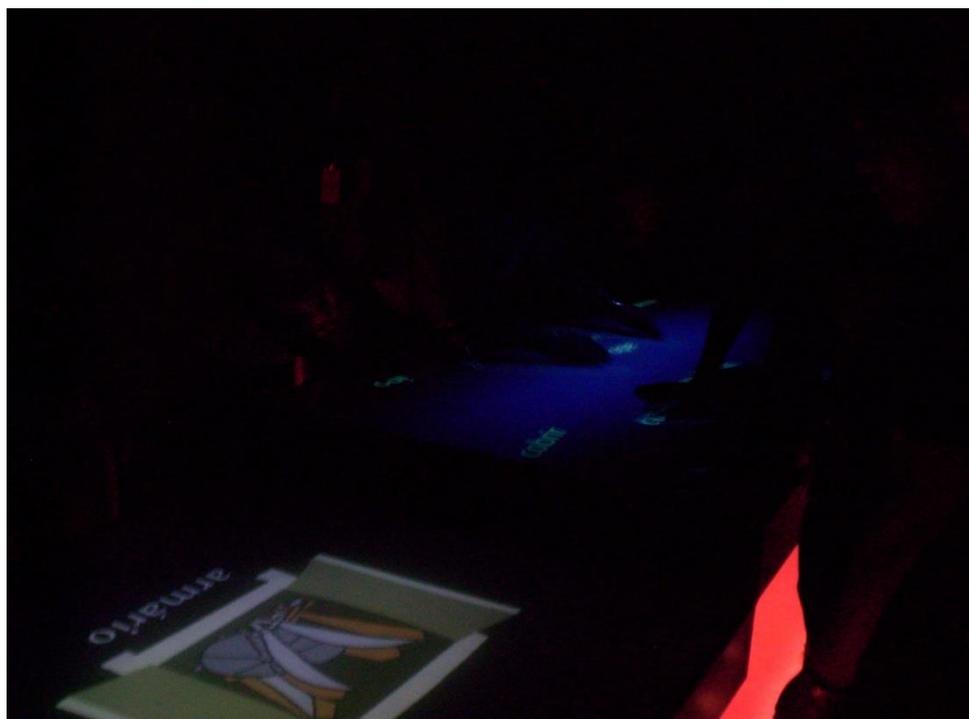


Figura 3: Beco das Palavras - Museu da Língua Portuguesa
Fonte: foto do autor

Esse três artefatos analisados simulam jogos. Não têm de fato o funcionamento do jogo, porque o jogo tende à polissemia, nele os sentidos deslizam e, embora possam ser disputados, não funcionam pelo imperativo da repetição. Nos simulacros produzidos pelo museu há uma tendência à paráfrase, à repetição do mesmo, o que faz do discurso do Museu da Língua Portuguesa, no caso, um discurso autoritário. Considerando as condições de produção e o funcionamento discursivo, Orlandi ([1981] 1996) propõe uma tipologia do discurso que distingue discurso lúdico, discurso polêmico e discurso autoritário:

Discurso lúdico: é aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *non sense*.

Discurso polêmico: é aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria.

Discurso autoritário: é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando. (ORLANDI, [1981] 1996, p. 154, grifos da autora).

O simulacro do jogo torna mais eficaz a interpelação ideológica, uma vez que, ao dar um tom de discurso despretensioso à prática lexicográfica, reduz a possibilidade de resistência ao discurso autoritário. Apesar desse mecanismo, a resistência pode, contudo ocorrer. Principalmente porque, como argumenta Orlandi (2007, p. 48) sobre a interpretação, “o gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (o arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso), podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos. Ser determinada não significa ser (necessariamente) imóvel”.

Como compreendeu Pêcheux, não há dominação sem resistência, em parte porque os processos de interpelação ideológica falham (PÊCHEUX, 1997). A transformação/mudança é, portanto, uma possibilidade. Pêcheux sempre apostou nisso. Na relação do sujeito com o arquivo da língua



produzido pelo museu, os sentidos podem deslizar, deslocar, errar pelo funcionamento do interdiscurso, a memória na qual os sentidos se movimentam.

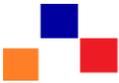
Considerações finais

O Museu da Língua Portuguesa funciona como um arquivo da língua do Estado para os brasileiros. Ele é um arquivo do que deve ser lembrado na relação do sujeito com a língua do Estado. O modo como o museu constrói o arquivo e as relações que estabelece com ele configuram as concepções de língua como patrimônio e de educação patrimonial para essa instituição.

Os museus foram espaços políticos de construção das histórias nacionais nos séculos XVIII e XIX na Europa e na maior parte do século XX nas ex-colônias nas Américas e na África. Nos séculos XX e XXI, eles mantêm o sentido de espaços de “preservação” e “conservação” da memória nacional, contudo, se fortalece o sentido de que os museus são espaços de educação. Educação para a preservação e a conservação. No contexto da globalização e da mundialização, o trabalho da ideologia significa a educação patrimonial como uma necessidade.

Essa interpretação da educação patrimonial como necessidade aproximou o Museu da Escola a partir da segunda metade do século XX. No Brasil, essa aproximação começou a ser discutida a partir da década de 1980. Em 1999, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) publicou o Guia Básico de Educação Patrimonial, que define o trabalho educativo dos museus como processo permanente e sistemático que busca levar ao conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural.

O Museu da Língua Portuguesa se inscreve nesse sentido de museu como espaço educativo e de patrimônio como herança cultural. Um de seus objetivos é promover cursos, palestras e seminários. Assim inscrito ideologicamente, o museu desenvolve atividades com professores e alunos das



escolas da rede pública de ensino. Em suas instalações na Estação da Luz, no primeiro andar, há uma sala de aulas com capacidade para cinquenta pessoas.

A significação do patrimônio como herança cultural faz funcionarem os sentidos de museu como espaço de preservação, de conservação, e os de educação patrimonial como inculcação, como transmissão. Nessa região de sentidos, há pouco espaço para a polissemia na prática discursiva museográfica, há uma tendência à paráfrase, à repetição do mesmo, logo, ao discurso autoritário, como vimos pelas análises.

Outra via para o museu seria criar artefatos que possibilitassem mais fortemente a polissemia, e, conseqüentemente, a instauração de discursos lúdicos ou polêmicos. Mas, para isso, seria necessário reinventar a instituição museu e os sentidos de patrimônio e educação patrimonial. Essa transformação/mudança da prática discursiva museográfica implicaria, necessariamente, a transformação/mudança da formação social que demanda a existência de museus, e patrimônios, e educação patrimonial.

Essa reflexão abeira o paradoxal, porque uma sociedade na qual a polissemia fosse predominante nas práticas simbólicas, talvez não houvesse museus ou quaisquer outras instituições que funcionam como espaços de historicização do sujeito na direção da construção da unidade, da homogeneidade, da identidade. Duas questões, nos parece, podem ser formuladas nesse final: haveria museus numa sociedade que levasse ao extremo a polissemia, ou seja, o fato de que “existem vidas impossíveis de sentir, de tocar, de perceber. Vidas de outros, em outros lugares, em outros tempos. Fora da gente, de nós. Fora daqui. Sem alcance, sem captura” (SKLIAR, 2014, p. 145)? Na ausência de tal sociedade, e nas condições da sociedade capitalista brasileira, fortemente dividida, de que formas o Museu da Língua Portuguesa poderia reinventar sua prática discursiva museográfica dando lugar à polissemia pelo menos em um grau suficiente para instaurar um discurso polêmico sobre a língua? Desse modo, pelo menos haveria espaço, no museu, para a “palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta”.



Referências

AGAMBEN, G. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BARROS, M. de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

CERVO, L. M. **Língua, patrimônio nosso**. 2012. 198p. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003. p. 7-20.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

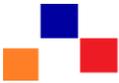
_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

ROMÃO, L. M. S. **Exposição do Museu da Língua Portuguesa**: arquivo e acontecimento e(m) discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

SILVA SOBRINHO, J. S. **“A língua é o que nos une”**: língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. Museu da Língua Portuguesa: instrumento linguístico em tempos da ideologia do lazer. **Letras**, Santa Maria, v. 46, 2013, p. 307-315.



_____. "A língua é o que nos une": língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa. 2011. 133p. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas-SP, 2011.

_____. Os nomes da língua do Brasil no Museu da Língua Portuguesa: uma questão política. **Sínteses**, Campinas, v. 14, 2009, p. 386-404.

_____. "A língua é o que nos une": língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa. **Anais do XIII Seminário de Teses em Andamento**, Campinas, 2008, p. 495-499.

SKLIAR, C. **Desobedecer a linguagem**: educar. Trad. Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Recebido em 07/04/2015.

Aceito em 08/08/2015.

José Simão da Silva Sobrinho

É docente do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui doutorado em Linguística (UNICAMP, 2011), mestrado em Estudos de Linguagem (UFMT, 2005), especialização em Língua Portuguesa: Teoria e Prática (UFMT, 2001), graduação em Letras: Português e Literatura de Língua Portuguesa (UFMT, 1998). Atua na área de Letras/Linguística, subárea Teoria e Análise Linguística, nas especialidades Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. É membro do GT em Análise do Discurso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL), do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CelSul), da Associação Brasileira de Linguística (Abralin) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Foi presidente do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (CelSul), gestão 2013-2014. Foi membro fundador do Fronteiras: Laboratório de Estudos do Discurso (UFFS).

E-mail: jose-simao@uol.com.br